

O Rio Iapó: História Ambiental e Memória

Iolanda Lúcia Zadra*

Resumo: O presente artigo trata de um estudo acerca da história ambiental e da memória do Rio Iapó, que corta o perímetro urbano de Castro. O principal objetivo da pesquisa foi a ressignificação da memória em torno do Rio Iapó e a sua importância no surgimento da cidade. Participaram dessa experiência duas oitavas séries do turno matutino, do Colégio Estadual Padre Nicolau Baltasar, as quais pesquisaram sobre o tema e, juntamente com a professora, realizaram entrevistas com familiares, professores e conhecidos.

Palavras-chave: Rio Iapó. História ambiental. Memória. Sala de aula.

Rio Iapó: Environmental History and Memory

Abstract: This article is a study of environmental history and memory of the Rio Iapó, the river bisects the urban area of Castro. The main objective of the research was to reframe the memory around the Rio Iapó and its importance in the emergence of the city. Participated in this experiment the two eighths grades of the morning, State College Padre Nicolau Baltasar, which researched the topic and, together with the teacher, conducted interviews with family members, teachers and acquaintances.

Keywords: Rio Iapó. Environmental history. Memory. Classroom.

* Especialista em História e Região pela UEPG – Ponta Grossa. Professora QPM integrante do Programa de Desenvolvimento Educacional de Educação-2008 da Secretaria Estadual de Educação do Paraná. Este trabalho contou com a orientação da Profª Drª Christiane Marques Szesz, da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

1 INTRODUÇÃO

As transformações próprias do mundo contemporâneo resultam em novas possibilidades de interpretações históricas, novas necessidades de discussão. Uma dessas possibilidades está no campo da história ambiental, que tem como objetivo principal aprofundar o entendimento de como os seres humanos foram, através dos tempos, influenciados pelo ambiente natural, como influenciaram esse ambiente e que modificações sofreram. Para contribuir com as reflexões acerca da história ambiental e sua interpretação no ambiente escolar, esse artigo analisa uma experiência nas aulas de História, com as 8^{as} séries do Ensino Fundamental, do turno matutino, do Colégio Estadual Padre Nicolau Baltasar, na cidade de Castro.

A partir das Diretrizes Curriculares de História para a Educação Básica percebe-se que a corrente historiográfica Nova História Cultural explica a aplicabilidade do tema quando se refere ao uso de diversas fontes e a ouvir as vozes esquecidas pela História.

Os fundamentos teórico-metodológicos dessa corrente historiográfica permitem a possibilidade de trabalhar com a história oral na construção do conhecimento histórico, o que se amolda aos referenciais teóricos definidos nas Diretrizes. Utilizando a história oral, e tendo como objeto de estudo as relações em torno do Rio Iapó, verifica-se a possibilidade de um elo entre a História e o meio ambiente, ou seja, considera-se o conhecimento moderno e científico construído a partir da relação entre o homem e o meio ambiente. Essa relação é preocupação da História Ambiental que permite novas interpretações historiográficas, contribuindo para a formação de um pensamento crítico frente à degradação do meio ambiente.

As explicações do mundo através da história ambiental permitem que os jovens em formação passem a preocupar-se com as questões ambientais a sua volta, sendo um dos desafios que se coloca aos historiadores e educadores dos dias atuais.

Com o relato dessa experiência, percebem-se alternativas de trabalho diferenciado no cotidiano escolar, capazes de motivar os alunos, os quais participaram entusiasticamente dessa experiência culminando com a produção de textos, resultados das entrevistas realizadas, algumas delas gravadas em DVD, e

cartazes com fotos e gravuras sobre o tema. O DVD foi elaborado por três alunos da 8ª série A. Essa experiência foi gratificante tanto para os entrevistados quanto para os entrevistadores, como evidencia o depoimento de um dos alunos:

“Apesar de algumas dificuldades para a realização do trabalho, como recompensa podemos, de certa forma, reviver um pouquinho de algumas histórias que os entrevistados nos contaram com satisfação e alegria. (...) Com o trabalho diferente e divertido de repórteres por algumas semanas, e com o modo diversificado de aprendizado, nos resta desejar que muitos outros trabalhos como esses venham a ser pedidos e realizados.”¹

2 HISTÓRIA AMBIENTAL: UMA POSSIBILIDADE VIÁVEL

Durante a proposta de intervenção os alunos tiveram contato com textos explicitando os conceitos de Educação ambiental e de História Ambiental. Nos Estados Unidos a revista *Environmental Review* (atualmente chamada de *Environmental Review*), fundada em 1976 é um periódico que busca entender a experiência humana no meio ambiente, sendo voltada para a História Ambiental. É a partir da consciência de que o planeta Terra tem sofrido alterações climáticas causadas pela ação do homem que surge a História Ambiental, na segunda metade do século XX. A maioria dos cidadãos medianamente informados não sabe explicar em detalhes os mecanismos do chamado efeito estufa, o “buraco” da camada de ozônio, a chuva ácida, a diminuição dos recursos não-renováveis, como o petróleo, o gás natural e vários outros minérios, a contaminação dos alimentos por resíduos tóxicos e aditivos químicos. Mas, ainda assim, o senso comum já incorporou as conseqüências de todos esses fatores, como o câncer de pele e outros males causados pela exposição aos raios ultravioletas; que a chuva ácida provoca a destruição de ecossistemas; os problemas respiratórios ocasionados pela poluição atmosférica; as alterações na visão, no olfato e no paladar acusados pela poluição da água. Pode-se constatar que a crise ambiental e planetária na atualidade tem sido divulgada com relativa rapidez, convertendo-se em novos traços de civilização, ainda assim, a distância entre a informação e a mudança de atitudes resiste ao estreitamento.

A história ambiental reúne muitos temas da historiografia contemporânea, entre eles à destruição da natureza, causada pelo crescimento populacional e pelo

consumo industrial, que levam à poluição do ar e da água. É com esta visão que ocorre o elo entre sociedade e meio ambiente, tratados em um mesmo campo: o da História Ambiental.

Os seres humanos são parte inseparável da ordem ecológica do planeta, assim, qualquer reconstrução dos ambientes do passado deverá incluí-lo. O surgimento da história ambiental é discutido por Donald Worster, um importante historiador ambiental dos Estados Unidos. No Brasil, apesar de haver certo número de estudiosos sensíveis à relação do homem e o meio ambiente, nenhum se declara como historiador ambiental ou equivalente². Este autor defende a idéia de que esse novo campo historiográfico pode contribuir para o entendimento do passado e do presente em uma dimensão mais consistente.

Por muitos anos se acreditou em um distanciamento entre Cultura e Natureza. Este distanciamento influenciou as relações estabelecidas entre o ser humano, a natureza e os seus recursos. Criou-se posteriormente a distinção entre paisagem natural e paisagem cultural, sendo que esta última seria o objeto de estudo do historiador. De acordo com esta ideia, o homem era destacado de seu contexto natural e o objeto de estudos históricos seriam as paisagens transformadas pela ação do homem. Essa concepção limitada do campo do historiador era a proposta da corrente historiográfica da Escola Metódica. A preocupação dos historiadores em perceber as relações entre o homem e seu meio ambiente é algo recente na historiografia. As inter-relações entre diversos fatores que norteiam a relação homem e meio ambiente servem de fundamentação para os trabalhos acadêmicos em torno da História Ambiental.

Foi com a “Revue des Annales” que originou a “Nova História” - que o meio ambiente ganhou atenção especial. Porém, foi Fernand Braudel - o autor que mais contribuiu e influenciou os historiadores dessa nova modalidade. Em sua obra sobre o mundo mediterrâneo, estudo da história do homem em relação ao seu meio, que chamou de geo-história. A geo-história estuda os vínculos homem-natureza, as ações e consequências ao longo do tempo. Dessa forma, essa nova modalidade de se perceber a história rejeita a ideia de que a experiência humana se desenvolveu sem restrições naturais e tem por objetivo compreender como os seres humanos foram influenciados pelo ambiente natural e como interferiram nesse ambiente.

Para melhor entendimento com os alunos fizeram-se necessários esclarecimentos sobre Educação Ambiental. Nos últimos séculos o avanço do

conhecimento humano proporcionou amplo desenvolvimento das ciências e da tecnologia. Ocorreram, ainda, mudanças nos valores e modos de vida da sociedade, com o processo industrial e o crescimento das cidades aumentou a utilização dos recursos naturais e a produção de resíduos. Conseqüentemente, a cultura foi transformada, especialmente a percepção do ambiente pelos seres humanos, que passaram a vê-lo como um objeto de uso, sem preocupar-se em estabelecer limites e critérios para a utilização dos recursos naturais. O resultado dessa cultura moderna são os problemas ambientais que interferem na qualidade de vida. Assim, surgiu a crise de relações entre a sociedade e o meio ambiente. Essa situação fez com que a sociedade se mobilizasse propondo soluções e mudanças. Com os movimentos contraculturais de 1960, surgiu o movimento ecológico, trazendo como uma de suas propostas a difusão da educação ambiental como ferramenta de transformações nas relações do homem com o ambiente. Sendo assim, a Educação Ambiental surge como resposta à preocupação da sociedade. Sua proposta principal é a de superar a dicotomia entre natureza e sociedade, através da formação de uma atitude ecológica nas pessoas.

De acordo com Castro & Baeta³, a educação ambiental é uma área de conhecimento interdisciplinar, sendo a escola o ambiente favorável à construção da autonomia intelectual, possibilitando a formação de sujeitos capazes de exercer sua cidadania – pressuposto básico da educação ambiental. O processo educativo proposto pela Educação Ambiental objetiva à formação de sujeitos capazes de compreender o mundo e agir nele de forma crítica - consciente. Sua meta é a formação de sujeitos ecológicos.

Esta experiência considerou a abordagem que trata da educação ambiental, pois como afirma Loureiro: “A Educação Ambiental é uma práxis educativa e social que tem por finalidade a construção de valores, conceitos, habilidades e atitudes que possibilitem o entendimento da realidade de vida e a atuação lúcida e responsável de atores sociais individuais e coletivos no ambiente.” (Loureiro, 2000, p.69).

No ambiente escolar e social verifica-se com frequência discursos sobre preservação ambiental, mas na prática isso fica longe de acontecer. Os alunos têm acesso a informações, porém as informações que eles procuram não estão engajadas nas causas ambientais, pois esse não é o interesse deles no momento, sendo o papel da escola importante no sentido de buscar caminhos para a conscientização ecológica.

3 HISTÓRIA ORAL: UM MÉTODO DE PESQUISA

Além dos embasamentos teóricos sobre História Ambiental e Educação Ambiental, os alunos foram informados sobre as contribuições da história oral, já que teriam que fazer entrevistas com familiares e conhecidos sobre o Rio Iapó. O resgate da vida cotidiana, da cultura popular contribuiu para tornar a escola um pólo articulador da memória e da história local. A Nova História Cultural é um dos referenciais teóricos das diretrizes curriculares de História e favorece a pesquisa e a escrita da história sob outras perspectivas. A partir dessas considerações, passou-se a valorizar as experiências individuais e o desenvolvimento da história oral e da micro-história para compor a historiografia. Com essa abordagem, o professor tem a possibilidade de explorar novos métodos de produção do conhecimento histórico: recortes temporais, novas fontes, conceito de documentos, de sujeitos, de problematização em relação ao passado, buscando propiciar aos alunos, ao longo da Educação Básica, a formação da consciência histórica, permitindo que eles mesmos elaborem conceitos e pensem historicamente, superando a ideia do conhecimento histórico como algo dado, como verdade absoluta, como algo separado do seu cotidiano.

A história oral, enquanto um método de pesquisa, produz uma fonte especial, possibilita melhor compreensão do cotidiano e ajusta-se especialmente ao trabalho por projeto, assim como as fontes documentais, as fontes orais apresentam falhas, lacunas; e é nesse aspecto que uma pode complementar a outra.

Sobre o ajuste da história oral em projetos, Paul Thompson evidencia:

“O trabalho por projetos proporciona um objetivo concreto e um produto imediato. Promove o debate e a cooperação. Ajuda as crianças a desenvolver suas habilidades lingüísticas, um sentido de evidência, sua consciência social e aptidões mecânicas. Para os professores de História, os projetos de história oral têm a vantagem especial de franquear para o estudo de história local”. (Thompson, 1996, p.218).

Lembramos que a História Oral pode ser utilizada em vários ambientes e estes não precisam estar exclusivamente dentro das universidades, pois pode ser utilizada em escolas e para conhecer sua própria comunidade. As conversas sobre o passado recente estreitam o relacionamento entre jovens e idosos e valoriza os

traços culturais locais. Neste aspecto, a possibilidade oferecida pela História Oral propicia que se resgate o cotidiano das pessoas, considerando que a memória de um indivíduo é um ponto de partida de uma parte do todo que é a memória coletiva, como nos fala Maurice Halbwachs.

A história oral temática, conforme MEIHY quase sempre se equivale ao uso da documentação oral da mesma maneira que das fontes escritas. Valendo-se do produto da entrevista como outro documento, compatível com a necessidade de busca de esclarecimentos, o grau de atuação do entrevistador como condutor dos trabalhos fica mais explícito. (Meihy, 1996)

Dado seu caráter específico, alerta MEIHY a história oral temática tem características bem diferentes da História Oral de Vida, pois detalhes da história pessoal do narrador apenas interessam na medida em que se revelam aspectos úteis à informação temática central. A história oral temática admite a utilização de questionários e este se torna peça fundamental para a aquisição dos detalhes procurados. Meihy,1996.

Para desenvolver o projeto de implementação, os alunos elaboraram as seguintes questões:

1. Quais as histórias que conhece sobre o rio?
2. Lembra de enchentes? Quais? Quando e como foi?
3. O que mais polui o rio nos dias de hoje?

No decorrer das entrevistas, outras questões foram abordadas de acordo com o encaminhamento do assunto pelo entrevistado.

É evidente que são muitas as recomendações para a realização da história oral e sua eficácia na tarefa de pesquisa, mas o essencial é ter um ponto de partida demarcado pela cientificidade de um projeto e o respeito às normas metodológicas.

A utilização da história oral enquanto método para realizar a implementação se fez enquanto instrumento para despertar o interesse do aluno, aproximando-o da disciplina. Os alunos, em conjunto com a professora, realizaram entrevistas, seguindo um roteiro com algumas questões, depois fizeram as transcrições. Alguns não conseguiram gravar as entrevistas, preenchendo somente por escrito as questões. O desenvolvimento de um projeto tendo como metodologia a história oral traz imprevistos e dificuldades. De acordo com um dos alunos, a sua avó não quis gravar, pois ficava desconfortável diante do aparelho. Apesar das dificuldades com a utilização da história oral, a experiência foi válida e após o encerramento do projeto

registrou-se a opinião de alguns alunos que escreveram sobre essa nova experiência:

“Foi muito emocionante por causa de muitas histórias que escutei e nunca pensei que teria essa oportunidade de ouvir”⁴

“Foi bom entrevistar a R. F. K. porque ela falou sobre o Rio Iapó, fornecendo muitas informações sobre ela, seus pais e irmãos.”⁵

Com as entrevistas os alunos tiveram a oportunidade de conhecer momentos e fatos vividos por seus familiares.

“A experiência de entrevistar as pessoas que conviveram com o rio foi muito boa, pois serviu para nos aprofundarmos no assunto e as pessoas gostam de contar o que sabem, ainda mais quando o assunto é sobre a rua, a cidade e seu rio”⁶

“O enriquecimento de nosso conhecimento se deu pelo interesse e colaboração dos entrevistados, contando histórias que poucas pessoas sabem. Com a explicação e a ajuda de várias pessoas nos conscientizamos de que o rio está precisando de ajuda, pois nós mesmos o fizemos assim e agora somos prejudicados, devemos seguir os passos do Tarzan, pois ele nos disse que ainda há tempo, mas ele não pode ser sozinho, precisa de nossa ajuda.”⁷

Enquanto agentes na construção do conhecimento histórico, os alunos estiveram em contato com as fontes orais, observando a sua importância.

“Esse trabalho sobre o Rio Iapó permitiu que pudéssemos aprender um pouco sobre sua história e também da formação de nossa cidade, com a oportunidade de ouvirmos algumas pessoas e descobrir coisas surpreendentes. (...) A oportunidade de aprendizado com esse trabalho foi muito grande e satisfatória, com o entusiasmo e a colaboração dos entrevistados, além das fantásticas histórias vividas por eles o trabalho também forneceu grandes alegrias e gargalhadas com os nossos próprios erros nas horas de gravação.”⁸

“Conversando com muitas pessoas a gente ganha informações, pois as pessoas mais velhas acabam sabendo muitas histórias que são interessantes e adquirimos muitas informações.”⁹

No trabalho com a história oral a memória torna-se a matéria-prima. Sendo a memória uma construção do passado, ela processa informações e vivências que são evocadas de acordo com as necessidades do presente. E é assim que se evidencia o elo entre presente e passado. Nesse sentido Jacques Le Goff afirma: “A história deve esclarecer a memória e ajudá-la a retificar os seus erros”.

4 RELATO DE EXPERIÊNCIA: O RIO IAPÓ – HISTÓRIA AMBIENTAL E MEMÓRIA:

O Rio Iapó: História ambiental e memória, esse foi o título atribuído à unidade temática elaborada pela professora, como uma das atividades previstas pelo Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE) para a implementação do projeto desenvolvido entre os anos de 2008 e 2009, cujo tema era “O resgate da memória do Rio Iapó através da história oral” e o título, “Memória do Rio Iapó na cidade de Castro”. Esse título foi escolhido pensando-se em um levantamento da história do rio e a sua importância no surgimento da cidade e da população em torno dele.

A unidade temática abordou os seguintes itens: **A importância do Rio no surgimento da cidade, Degradação ambiental: resultado da modernidade e As enchentes**, tendo ao final um glossário com os termos desconhecidos e uma lista de atividades de fixação a serem resolvidas ao término da leitura. Disponibilizou-se a unidade temática na biblioteca da escola, muitos dados foram transmitidos aos alunos através de slides, usando-se a tv multimídia.¹⁰ As atividades da unidade temática foram as seguintes:

Após leitura atenta do texto, registre:

- 1- A importância da água para a vida humana:
- 2- Sobre o surgimento da cidade de Castro, considerando o Rio Iapó e o seu significado:
- 3- O que sabe sobre o Tropeirismo:
- 4- Com as informações do texto, conceitue:
 - a) Capitalismo:
 - b) Revolução Industrial:
 - c) Poluição:
- 5- Relacione Revolução Industrial e poluição:
- 6- Das entrevistas do texto, registre trechos que:
 - a) melhor informem sobre a origem de nossa cidade:
 - b) tratem a prainha enquanto um ponto turístico:
 - c) tratem-na como local de trabalho:
 - d) o entrevistado demonstra preocupação com o futuro do rio:
- 7- Colete depoimentos de pessoas mais velhas sobre as enchentes:

- 8- Pesquise em jornais antigos sobre as enchentes:
- 9- Pesquise o que mais polui o rio nos dias de hoje:

Ensinar História é orientar os alunos no processo de construção do conhecimento histórico.

“Queiram ou não, é impossível negar a importância, sempre atual, do ensino de História. Nas palavras do historiador Eric Hobsbawm: ‘Ser membro da comunidade humana é situar-se com relação a seu passado’, passado este que ‘é uma dimensão permanente da consciência humana, um componente inevitável das instituições, valores e padrões da sociedade’. A História é referência. É preciso, portanto, que seja bem ensinada”. (Karnal-org., 2005, p. 19)

O conhecimento histórico busca a compreensão dos processos e dos sujeitos históricos nas relações sociais que se estabelecem em diferentes tempos e espaços. Metodologias apropriadas para a construção do conhecimento histórico no ambiente escolar são mecanismos essenciais para que o aluno se aproprie de um olhar consciente para o que se encontra a sua volta. Para a realização desse projeto de implementação, os alunos estiveram em contato com diferentes fontes, inicialmente com as bibliográficas, depois com fotografias (representações imagéticas), finalizando com as orais, além de informações já mencionadas, muitas das quais foram transmitidas usando a tv multimídia.

No levantamento de dados os alunos perceberam a relação entre o Rio Iapó e o surgimento da cidade. O Rio Iapó nasce no município de Piraí do Sul, corta o perímetro urbano de Castro e deságua no Rio Tibagi, já em terras desse município. A cidade de Castro teve sua origem no tropeirismo e a existência do rio foi de fundamental importância para o aparecimento do pouso que se transformou em cidade. A existência do rio, aliada à atividade chamada de tropeirismo, possibilitou o surgimento de nossa cidade. A atividade mineradora desenvolvida na região de Minas Gerais, durante o século XVIII, criou forte demanda de gêneros alimentícios e de transporte. No Sul do Brasil existia grande quantidade de animais bovinos, eqüinos e muares, desfrutando de ricas pastagens. Em consequência natural da lei da oferta e da procura, foi aberto o “caminho das tropas”, também chamado de “caminho de Viamão” ou, ainda, “estrada da mata”, que então servia ao transporte

desses animais do sul até a região da feira de Sorocaba, em São Paulo, dali eram destinados aos núcleos de consumo.

O caminho era longo, assim foram se formando os pousos de condutores de tropas e animais, os chamados pousos de tropeiros, os quais deram origem a povoados que se distanciavam entre si o equivalente a um dia de viagem. O Rio lapó (rio que alaga, na língua tupi-guarani), obrigava os tropeiros a acampar e esperar a baixa das águas. Meses e meses permaneciam acampados, pois com o rio alagado era impossível continuar a viagem. Dessa forma, para atender às necessidades dos tropeiros, houve a formação do povoamento.

No século XVIII, Castro representou um pouso definido para os tropeiros, era o local onde descansavam, proviam-se do necessário e também deixavam sua cultura e suas marcas. Não se pode precisar com exatidão a época em que tais viajantes resolveram construir seus ranchos, iniciando a povoação, mas considerando alguns dados históricos, acredita-se que ocorreu nos primeiros vinte e cinco anos do século XVIII. Assim, surgiu o “Pouso do lapó”, que também levava o nome do rio, sendo que esse povoamento inicial deu-se à sua margem esquerda. A travessia, feita junto ao vau de baixo era trabalhosa para os tropeiros, dependendo da altura das águas. Com o passar do tempo esses tropeiros foram obrigados a construir uma ponte de paus falquejados (no sistema de puchirão), para evitar que suas mercadorias se perdessem nas águas do lapó.

Com a determinação dos núcleos de população, foram construídas igrejas em vários sítios, entre os quais o “Pouso do lapó”, que foi contemplado com uma igreja, na época chamada de “Capela de Sant’Ana”, onde a primeira missa foi oficiada a 26 de julho de 1769. A partir de 1774, o pouso evoluiu para a categoria de freguesia, com o nome de “Freguesia de Sant’Ana do lapó”. Até esse momento se conservava o nome do rio no povoado. Mais tarde o povoado passou a chamar-se Castro.

A respeito das enchentes do rio, foram coletadas notícias nos jornais da cidade. A notícia divulgada foi que no dia 18 de janeiro o Rio lapó surpreendeu os moradores de Castro, porque choveu torrencialmente “18 horas consecutivas nas cabeceiras do lapó.” Foi “uma enchente sem chuva”¹¹. Em 1937, ocorreu uma das maiores enchentes, as águas do Rio lapó subiram cerca de 6 metros, trazendo prejuízos aos moradores e comerciantes próximos ao rio, esse foi o caso de Pedro Kaled e Pedro Dobis, que residiam à Praça lapó, bem como de José Fanha que residia no caminho da Estação, próximo ao Ribeirão do Taboão. Em maio de 1983,

houve outra grande enchente, que por pouco não levou a ponte existente na PR 151, faltou em torno de meio metro para atingir a laje da estrutura e para que começasse a represar o fluxo das águas. Alguns moradores próximos à estação tiveram que mudar-se às pressas devido ao alagamento do ribeirão. Naquela época não havia o lago que nos dias de hoje embeleza a cidade e recebe o nome de Parque Lacustre, na área central. Desta enchente de 1983, registrou-se em entrevista a seguinte lembrança:

“... eu lembro que a gente marcava a medida que o rio ia subindo, que ele saía do seu leito, e realmente, fazia juz ao seu significado, lapó – rio que alaga, ele ia alagando, tomando conta dos arredores; a gente colocava uma ripa, um pedaço de pau, de madeira e marcava num dia até onde o rio estava e no dia seguinte a gente podia perceber o quanto que ele havia avançado, porque aquele pedaço de pau, de madeira, aquela vara que a gente colocava já estava lá dentro d’água, ele já tinha avançado. É, uma certa ocasião faltou dois dedos, quando uma de minhas irmãs havia se casado e construiu a casa nos fundos da casa dos meus pais, então faltaram dois dedos pra que ele entrasse na casa dela, mas ele não entrou, como velho amigo, ele respeitou. Então a gente nadava, brincava, a gente sabia dos limites do rio, nós não podíamos ir até o leito do rio, a correnteza era muito forte, quando a enchente era muito grande. E uma certa ocasião, a minha irmã, a Vera, que era a mais corajosa de nós quatro, ela foi arrastada pela correnteza, e graças a Deus ela se segurou numa árvore, senão poderia ter acontecido o pior. Então de verdade, eu tenho lembranças muito boas, de amigos que iam lá pra gente brincar nas águas do rio.(Informação verbal)¹²

Outras memórias sobre as enchentes foram registradas nas entrevistas coletadas pelos alunos:

“Lembro de uma enchente que foi em 1970, que a água chegou ao armazém do falecido Pedro, ali na Rua D. Pedro II, ela foi lá perto da igreja, que hoje é a igreja luterana, antigamente era presbiteriana, ali junto da funerária Castro, a água chegou ali.” (Informação verbal)¹³

“Teve momentos que fomos até o Jardim Bela Vista pra ver a enchente do rio porque fica um cenário muito bonito, apesar das dificuldades que as cheias trazem para algumas pessoas. A enchente que mais lembro é a de 1982, talvez porque era adolescente e via o rio enchendo, e muitas vezes ficava olhando e esperando que a água chegasse até o colégio pra gente não ter aula.” (Informação verbal)¹⁴

“A enchente que lembro é a que ocorreu no ano de 1996 que chegou até na antiga Farmácia Padre Anchieta e até o portão da Tupi onde agora é a Fábrica de Pincéis Tigre e que os funcionários tinham que entrar por trás da fábrica”.(Informação verbal) ¹⁵

Assim com a realização das entrevistas os alunos puderam perceber-se enquanto agentes históricos e valorizar a história oral como uma das modalidades na produção do conhecimento histórico.

Já com algum embasamento sobre História Ambiental e Educação Ambiental os alunos puderam entender a degradação ambiental como resultado de modificações provocadas pela sociedade moderna, sendo esse um longo processo.

Com a chegada dos europeus à América ocorreram grandes transformações ambientais em nome do progresso, do capitalismo, enfim, conseqüências da modernidade que se impunha às mais distantes localidades.

Na Europa, nesse período (metade do século XVIII), estava ocorrendo a chamada Revolução Industrial, o que representou a consolidação e a mundialização do capitalismo, sistema sócio-econômico dominante hoje no espaço mundial. O capitalismo é um sistema voltado para a produção e acumulação constante de riquezas. Essas riquezas são as mercadorias, isto é, bens e serviços produzidos – geralmente em grande escala – para alimentar o comércio. Com a lógica do capitalismo as sociedades, os indivíduos, a natureza, o espaço, os mares, as florestas, o subsolo, tudo tem que ser útil economicamente, deve ser usado no processo produtivo e gerar lucros, preferencialmente em curto prazo. Com essa perspectiva, derrubam-se as matas e poluem-se os rios sem medir as conseqüências.

Na região de Castro não foi diferente, o que ocorria na Europa repercutia-se nessas terras. Mesmo sendo o tropeirismo uma atividade diferente da indústria, e que, de maneira geral, modificou em menor proporção o espaço, as mudanças foram notadas em sua época:

“ ... Aí veio o progresso e a ponte do trem... O toc-toc cumprido dos casco na ponte veia foi, aos poucos, sumindo debaixo do estrungido da maria-fumaça.”(<http://www.globoruraltv.com> – acesso em 25/08/2008).

Existem alguns registros sobre as mudanças ambientais que afetaram o rio, como é o caso a seguir:

“Iapó, rio que inunda. Ali vi muito papagaio do peito roxo fazendo algazarra. Pesquei lambari e piracanjuva, um olho no anzol, outro no céu. Rezava. Valei-me Santa Bárbara, segure esse aguaceiro, pra mó de cruzar as várzea. E assim que a chuva dava trégua, nós enfileirávamos as mula toda – quase duas mil, para atravessar... Tempos depois, nós ajudamos a erguer a ponte no Iapó. Tudo madeira de lei. Quando chovia, escorregava que era só. Tinha vez que caía mula e até peão... No meio do rio. Aí veio o progresso e a ponte do trem... O toc-toc cumprido dos casco na ponte veia foi, aos poucos, sumindo debaixo do estrugido da maria-fumaça”. (<http://www.globoruraltv.com> – acesso em 25/08/2008).

A poluição, enquanto um fato do desenvolvimento da modernidade foi notada pelos alunos que demonstraram preocupação com a questão ambiental, algumas alunas da 8ª série A destacaram:

“Devemos preservar o rio, temos que ter consciência do que estamos fazendo. Antes de jogar o lixo no rio, devemos pensar que é a população que está bebendo dessa água”.¹⁶

“A cidade evoluiu, mas com a evolução chegaram as conseqüências, como o desmatamento, a poluição, o desequilíbrio ecológico, o aquecimento global. A nossa cidade era conhecida como sapolândia, por ter muitos sapos que à noite faziam uma linda coachada, hoje dificilmente vemos sapos nas ruas. O rio está cada vez mais poluído, pois as pessoas não têm consciência e jogam lixos nos rios e nas ruas. Quando chove, o lixo acaba se depositando nas margens do rio. Sorte que ainda existem pessoas conscientes como o Tarzan do Iapó, que salta da ponte todos os dias no rio para nadar e se exercitar e quando sai do rio, sempre cata os lixos que estão em volta. Se todas as pessoas ao menos tomassem conta do lixo que produzem, a nossa cidade poderia voltar a ser a sapolândia, lembra? Aquela que falei no começo do texto.”¹⁷

“Através da ação do homem o ambiente vem sendo degradado e a poluição tomando conta do nosso ar e rios, prejudicando a nós mesmos. Sem água não existe vida. E para que possamos continuar vivendo e tomando água de boa qualidade, cada um deve fazer a sua parte. O Rio Iapó é mais uma vítima da falta de consciência humana.”¹⁸

“Estão jogando lixo no rio e com isso a cada dia está mais poluído. Eu acho importante que cada um tenha sua própria responsabilidade na preservação.”¹⁹

Para Lima, inculcar a consciência e a educação ambiental supõe a consideração do educando enquanto portador de direitos e deveres, sendo o meio ambiente tratado como bem público, assim, o acesso a um ambiente saudável é uma questão de direito à cidadania.

A poluição do rio foi um dos assuntos abordados nas entrevistas coletadas pelos alunos:

“Ele não está muito poluído, eu pescava de vez em quando por aí, e os peixes são saudáveis”.(Informação verbal) ²⁰

“Olha é triste ver o rio que desde pequena a gente brincava, nadava e hoje ali há risco de contaminação, de contrair uma doença porque o esgoto cai ali. Muitas vezes a gente joga a culpa só para os outros, mas também temos a responsabilidade de não jogar lixo e de tomar uma atitude para resolver a situação.” (Informação verbal) ²¹

“Eu vejo que as pessoas pouco se importam com o Rio Iapó e não entendem a grande importância que o rio tem para a nossa cidade, não se preocupam com o esgoto a céu aberto que cai no rio.” (Informação verbal) ²²

5 HISTÓRIA CULTURAL: UMA ABORDAGEM NECESSÁRIA:

Nas informações pesquisadas pelos alunos notou-se que houve grande interesse pelas lendas que envolvem o rio. No imaginário popular existem muitas lendas sobre o rio Iapó. Como por exemplo: a cobra, o monstro de sete cabeças, entre outras.

Em uma das lendas abordadas nas entrevistas, conta-se que muitos pescadores já viram uma grande cobra, que se assemelha a uma sucuri, animal que não é próprio de nossa região. Verdade ou mito, registrou-se nas entrevistas o fato:

“Comentam bastante sobre uma cobra e de repente, pelo fato de muitos pescadores terem comentado que viram, é possível que realmente exista pelo fato de haver pessoas que não têm responsabilidade trazerem de outras regiões, então é possível que exista um animal desse porte dentro do Rio Iapó.”(Informação verbal) ²³

“Conheço inclusive a história da sucuri, que é meio suspeito, mas existe, eu não vi a tal da cobra, mas cheguei perto.” (Informação verbal) ²⁴

“Conheço pouco das histórias de pescador. Só apenas alguma coisa de alguém que se assustou com uma cobra bastante grande, que tinha mais de 3 metros de comprimento, mas eu não sei se é verdade.”(Informação verbal) ²⁵

Com a corrente dos Annales ampliou-se o campo historiográfico. Uma das possibilidades para os historiadores passou a ser a História Cultural, que abrange inúmeras temáticas, entre elas, o imaginário popular. A História Cultural – se interessa por construir uma história de grupos coletivos, das crenças, dos sentimentos e imaginário de uma dada época ou sociedade. Nesse sentido Zamboni afirma que:

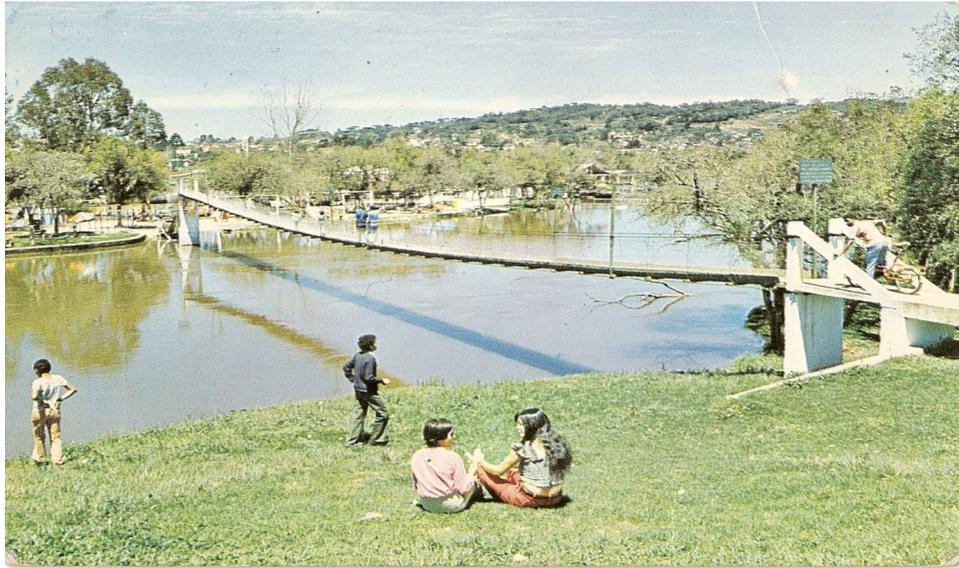
“o uso dos contos como linguagem e representação para se conhecer a história também é uma porta para adentrar o universo cultural e construir a história das camadas populares da sociedade que, analfabetas, acabaram desaparecendo, quase sem deixar vestígios”.

Devido ao interesse dos alunos fizemos uma reflexão sobre as lendas que envolvem o rio e a cidade.

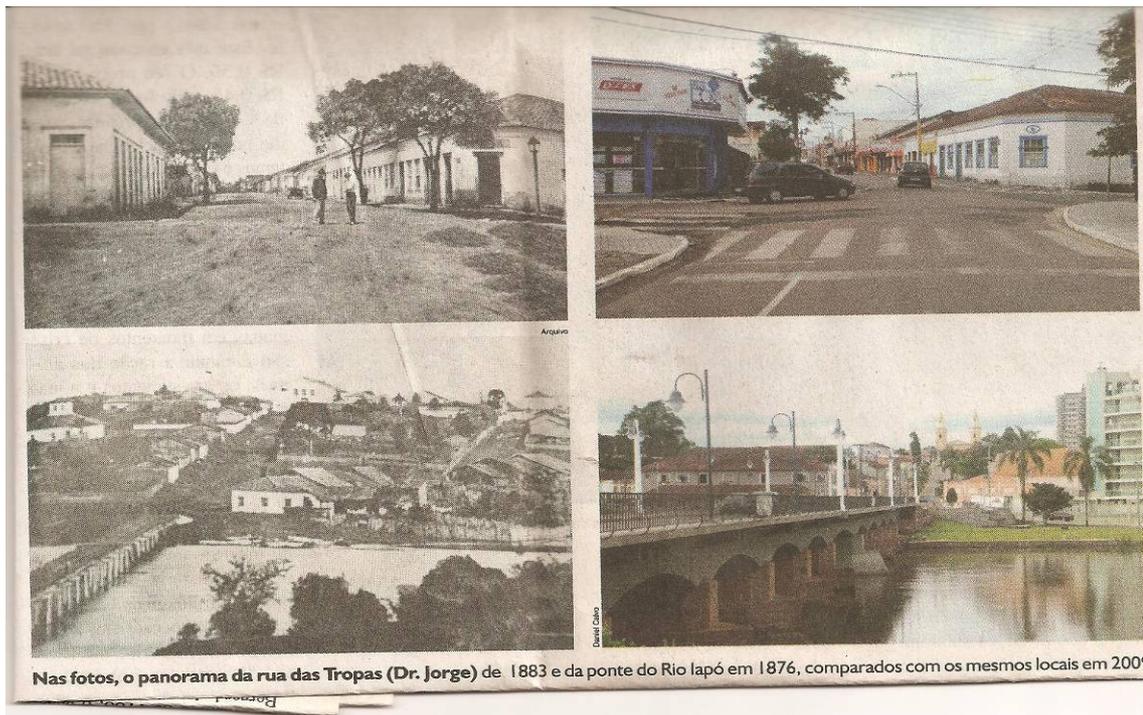
Na coleta de materiais para a exposição, notou-se grande entusiasmo por parte de alguns dos alunos. Alguns trouxeram fotos, jornais com reportagens e gravuras. As fotos foram reproduzidas em slides e apresentadas com o auxílio da tv multimídia, que também serviu para a apresentação de três pequenos vídeos: dois sobre o “Tarzan do Iapó” e um com amostra de imagens antigas e o hino da cidade. No material exposto incluíram-se fotos antigas e recentes das enchentes, das pontes (passarela e pênsil), da Rua das Tropas, textos com histórico da cidade. O que se segue é uma amostra do material que foi coletado para a exposição:



Vista parcial de Castro – dezembro de 1948
Reprodução da original pertencente ao aluno Fábio Roberto, 8ª série A



Ponte pênsil que desabou em 1º de janeiro de 1984.
Reprodução da original pertencente à autora.

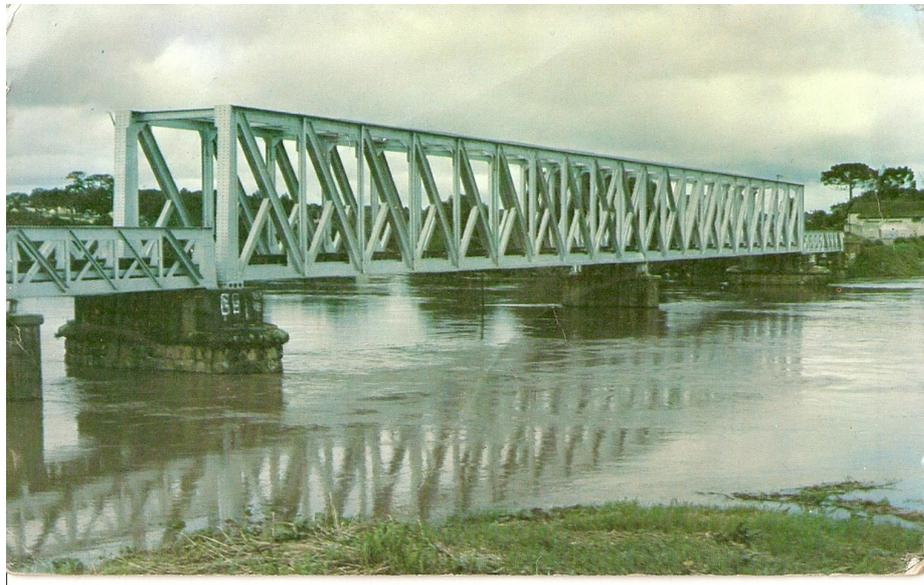


Reprodução de página do Jornal Página Um de 17 a 19 de janeiro de 2009, cedido pelo aluno Fábio Roberto da 8ª série A.

As fotos da esquerda são de 1883 e 1876, as da direita correspondem aos mesmos lugares em 2009.



Reprodução das originais pertencentes à aluna Yasmin, 8ª série A.
Na foto do lado esquerdo mostra uma escultura (cão) que não existe mais, aproximadamente da década de 70. Na foto da direita, sanitários ao fundo, que já não existem, e a escultura da tubarana, ainda presente nos dias atuais na prainha.



Reprodução da original pertencente à autora.
Ponte férrea-enchente de 1983.



Fonte: acervo pessoal da autora.
Enchente de julho de 2009.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Com novas abordagens da História oportunizamos aos alunos que alargassem os seus horizontes.

Toda nova experiência traz em si dificuldades que só serão superadas na medida em que se vivencia. A utilização da história oral como método de pesquisa requer tempo e preparo específico. A implementação da proposta poderia ter melhores resultados se aplicada durante um período maior de tempo. Contudo, pela participação e entusiasmo dos alunos o método mostrou-se eficiente para motivar o aprendizado e a formação de agentes históricos.

As reflexões em torno da história ambiental enquanto uma nova modalidade para o ensino e a construção do processo histórico, mostrou-se como uma possibilidade viável e respondeu positivamente à expectativa de tornar a disciplina algo próximo dos alunos. Como assinala Pinsky (2005, p.28), o papel do professor é utilizar-se de métodos que aproximem o aluno dos personagens concretos da História. “Quanto mais o aluno sentir a História como algo próximo dele, mais terá vontade de interagir com ela, não como uma coisa externa, distante, mas como uma prática que ele se sentirá qualificado e inclinado a exercer.”

Esse tema levou o conhecimento da história acerca do rio, sendo uma forma de trabalhar com a história local, priorizada nos encaminhamentos das Diretrizes Curriculares de História.

O desenvolvimento do projeto promoveu a educação ambiental na escola e, apesar das limitações, essa proposta de trabalho procurou contribuir com as reflexões acerca de novas metodologias e práticas no campo historiográfico e no ambiente educacional.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jozimar Paes. Ciência e meio ambiente: a interdisciplinaridade na constituição do pensamento ecológico. **Revista de História Regional** – Departamento de história – UEPG, Ponta Grossa, vol. 2, nº 2, 1996, p. 187-200.

_____. **A extinção do arco-íris – ecologia e história**. Campinas-SP, Papirus, 1988.

BORBA, Oney B. **Os lapoenses**. Curitiba: Lítero-Técnica, 1986.

BUENO, Fidélis. **Pouso do lapó-contribuição à história de Castro**. Castro: 2002.

DRUMMOND, José Augusto. A história ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 4 nº 8, 1991, p.177-197.

FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). **Entrevistas: abordagens e usos da história oral**. Rio de Janeiro. Fundação Getúlio Vargas, 1994.

KARNAL, Leandro (org.) **História na sala de aula**. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2005.

LAYRARGUES, Philippe P. & CASTRO, Ronaldo Souza de (orgs.) **Educação Ambiental: repensando o espaço da cidadania**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5ª ed. Campinas. Unicamp, 2003.

MARTINS, Estevão C. Rezende. **Tempo e memória: a construção social do passado na história**. In: XXIV Simpósio Nacional de História. 2007.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1998.

PARANÁ. Secretaria Estadual de Educação do Paraná. **Diretrizes Curriculares de História**. Curitiba, 2006.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado - História oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

WORSTER, Donald. Para fazer história ambiental. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 4, nº 8, 1991, p. 198-215.

ZAMBONI, Ernesta. Representações e linguagens no ensino de história. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, vol. 18, nº 36, 1998, versão impressa.

ZAMPIERI, Adilson. **Imagens do lapó: o rio e a cidade**. 2000. História Regional. UEPG, Ponta Grossa, 2000.

NOTAS

¹ Aluno Leonardo, depoimento extraído em 30/10/2009.

² DRUMMOND, José Augusto. A história ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.4, nº 8, p. 177-197.

³ LAYRARGUES, Philippe P. & CASTRO, Ronaldo Souza de (orgs.) *Educação Ambiental: repensando o espaço da cidadania*. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

⁴ Aluna Karina, 8ª série B, depoimento extraído em 30/10/2009.

⁵ Alunos André e Fábio Luiz, 8ª série A, depoimentos extraídos em 30/10/2009.

⁶ Aluno Luiz Fernando, 8ª série A, depoimento extraído em 30/10/2009.

⁷ Aluno Fábio Roberto, 8ª série A, depoimento extraído em 30/10/2009.

⁸ Aluno Leonardo, 8ª série A, depoimento extraído em 30/10/2009.

⁹ Aluno Elias, 8ª série B, depoimento extraído em 30/10/2009.

¹⁰ Nome dado aos equipamentos instalados nas Escolas Estaduais do Paraná, onde é possível a transmissão de slides, vídeos e outros através de conexão do pendrive no aparelho de televisão.

¹¹ *Castro-Jornal*, nº 92, edição de 21/01/1933.

¹² Informação verbal fornecida por Noemi em entrevista extraída em 23/05/08

¹³ Informação verbal fornecida por Milton em entrevista extraída em julho de 2009.

¹⁴ Informação verbal fornecida por Joseane em entrevista extraída em julho de 2009.

¹⁵ Informação verbal fornecida por Rosalina em entrevista extraída em junho de 2009.

¹⁶ Aluna Aline, depoimento extraído em 25/09/2009.

¹⁷ Aluna Daiana, depoimento extraído em 25/09/2009.

¹⁸ Aluna Evelin, depoimento extraído em 25/09/2009.

¹⁹ Aluna Franciele, depoimento extraído em 25/09/2009.

²⁰ Informação verbal fornecida por Joel em entrevista extraída em 22/06/2009.

²¹ Informação verbal fornecida por Joseane em entrevista extraída em 22/06/2009.

²² Informação verbal fornecida por Lislely em entrevista extraída em 22/06/2009.

²³ Informação verbal fornecida por Lislely em entrevista extraída em 22/06/2009.

²⁴ Informação verbal fornecida por Milton em entrevista extraída em 22/06/2009.

²⁵ Informação verbal fornecida por Joel em entrevista extraída em 22/06/2009.